



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



RELATO DE EXPERIÊNCIA

“ELES PRECISAM PARTICIPAR”: UM CRONOGRAMA VIVO PARA A DISCIPLINA DE TEORIA DA COMUNICAÇÃO II, NO CURSO DE JORNALISMO DA UFRJ

Carolina Cassoli; carol.cassoli@ufrj.br¹

RESUMO

O presente relato pretende socializar a experiência de remodelamento das metodologias de docência na disciplina Teoria da Comunicação II, do curso de Jornalismo da UFRJ. A reestruturação da dinâmica em sala de aula se deu em virtude de diferentes fatores, mas teve como principal motriz a falta de engajamento dos alunos em sala. O relato dá conta dos períodos de 2024.1, 2024.2 e 2025.1 e destaca a adesão de atividades alinhadas às metodologias de ensino ativas e a resposta positiva dos alunos em relação a estas práticas.

PALAVRAS-CHAVE

Prática docente. Jornalismo. Metodologias de ensino. Metodologia ativa.

1. INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em Comunicação e Cultura pela mesma instituição. Jornalista pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



No intervalo entre uma aula e outra, a maioria dos estudantes sai da sala para ir ao Sujinho, nome pelo qual o pequeno conglomerado de lanchonetes do campus da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PV/UFRJ) é popularmente conhecido. Lá, em horários de maior movimento, os alunos encontram filas enormes, que se tornam a principal justificativa quando estes mesmos estudantes retornam para seus departamentos, já atrasados para a próxima aula.

Em uma sala localizada do outro lado do pequeno campus, na Escola de Comunicação, a equipe docente da disciplina de Teoria da Comunicação II (Teoria II), do curso de Jornalismo, tenta lidar com o déficit instrumental da sala, que conta com um projetor sem conexão, uma televisão sem cabo HDMI, um quadro negro com vários pedacinhos de giz, quatro ventiladores de parede e um de chão, sendo este o único dos aparelhos de ventilação que funciona. A equipe, composta por uma professora (a prof^a. dra. Tatiane Leal), uma estagiária docente (a mestranda Carolina Cassoli) e uma monitora (as graduandas Maria Luísa Sena e Ana Clara Ferreira), se divide entre dar atenção aos diferentes tipos de dúvidas dos poucos alunos que estão em sala; tentar fazer o HDMI comprado com recursos próprios se conectar à televisão; e iniciar a chamada, pois os alunos se comunicam via WhatsApp e só voltam do Sujinho quando a lista de presença começa a ser preenchida.

Aos poucos, as carteiras vazias começam a ser ocupadas, revelando uma sala com cerca de 40 de jovens muitos simpáticos, mas nitidamente dispersos. A maioria deles está no segundo período do curso.

Na UFRJ, o campus da PV, onde são ministradas as aulas do curso de Jornalismo, situa-se no bairro da Urca, Zona Sul da cidade, localização privilegiada em termos de segurança, status e qualidade de vida, mas consideravelmente desafiadora para parte significativa dos alunos da instituição e, conseqüentemente, do curso. Devido ao afastamento do campus em relação a outras regiões da cidade, muitos alunos enfrentam diariamente longas jornadas para chegarem à universidade. Com um deslocamento que, por vezes, pode incluir diferentes modais de transporte, muitos já chegam à universidade exaustos ou, no mínimo, estressados.

Além disso, na instituição, o curso de Jornalismo é integral, o que pressupõe que os alunos devem ter uma rotina totalmente dedicada às disciplinas. Porém, as aulas são



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



organizadas na tentativa de privilegiar um turno ou outro em cada semestre, de modo que as aulas não comprometam a agenda toda dos estudantes.

Na prática, não é isso o que acontece. Ao tentarem adiantar o curso para se candidatar a vagas de estágio mais rapidamente ou mesmo cursarem disciplinas optativas, cujas ementas procuram ampliar a capacidade argumentativa dos alunos, muitos estudantes mesclam disciplinas da manhã e da tarde nos primeiros quatro semestres da faculdade.

O resultado são turmas repletas de alunos cansados e particularmente dispersos. Além disso, somada à natural habilidade dos estudantes de Comunicação de se comunicarem através de sussurros ao longo das aulas, os celulares também têm se somado a esta equação e se tornado um fator cada vez mais representativo na disputa pela atenção dos alunos.

Depois da pandemia de Covid-19, por exemplo, momento em que diferentes dispositivos e ferramentas tecnológicas foram integradas às salas de aula para tornar possível a continuidade do ensino a nível global (Amaral, 2024), a presença dos celulares em sala é uma constante que não pode ser evitada, competindo com a presença da equipe docente e, muitas vezes, vencendo, principalmente em disciplinas teóricas.

Assim, antes mesmo de iniciar a aula, o maior desafio da equipe docente se apresenta a ela. Ter a atenção dos alunos de diferentes formas, fator anterior até mesmo à didática que, por pressuposto, também viria a se mostrar como um elemento desafiador. De acordo com a professora de Teoria II, esta é uma realidade cada dia mais evidente, que, com a pandemia de Covid-19, se intensificou consideravelmente.

2. METODOLOGIA

Este é um relato de experiência de cunho descritivo-reflexivo que pretende apresentar a experiência da equipe docente de Teoria da Comunicação II ao longo dos semestres de 2024.1, 2024.2 e 2025.1, período em que, em virtude do baixo engajamento dos alunos em sala de aula, a metodologia das aulas foi remodelada. A equipe docente contou com a mesma configuração: uma professora, uma estagiária docente e uma monitora, este último cargo tendo sido preenchido por duas diferentes estudantes ao longo do período mencionado.

Com tema centrado na articulação entre mídia, subjetividade e poder, as aulas de Teoria II têm como principal objetivo desenvolver o pensamento crítico dos estudantes para que estes



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



sejam capazes de raciocinar problematizando a convocatória neoliberal que, a todo momento, se impõe sobre os sujeitos. Seguindo uma perspectiva foucaultiana, a disciplina propõe que os alunos pensem a Comunicação tensionando teoria e método, de modo que, evidentemente, a base teórica do curso esteja alinhada ao pensamento de Michel Foucault (1979; 1987; 1984; 2011). A partir disso, outros autores são incluídos no cronograma de aulas. Esta inclusão leva em consideração debates contemporâneos e como as reflexões teóricas podem acrescentar pontos de vista diferente daqueles assumidos como senso comum.

O programa de aulas abrange discussões que vão da Modernidade à Pós-modernidade, contemplando as sociedades disciplinar (Foucault, 1987) e de controle (Deleuze, 1992). A intenção é articular o discurso midiático neste íterim e sua contribuição para a produção de subjetividades normais e desviantes, trabalhando também as relações de poder e resistência.

A base sobre a qual a disciplina é organizada é essa. No entanto, principalmente em decorrência do cenário anteriormente apresentado, utilizamos a ementa como um norte que nos mantém centradas no objetivo final da disciplina, ao mesmo tempo em que pensamos como conduziremos a aula seguinte. Deste modo, aderimos a uma metodologia viva, em que, apesar de organizarmos um plano de aulas, nos reunimos no final de cada aula para debater qual será o aporte teórico da semana seguinte. Esta decisão é tomada em conjunto, levando em consideração as percepções de cada uma das integrantes da equipe docente a respeito da responsividade da turma à aula recém dada.

Após a discussão, o conteúdo da semana seguinte é organizado em uma planilha, onde são registradas informações como: data em que a aula foi ministrada, tema, responsável pela aula e texto principal. Em Teoria da Comunicação II, a experiência de ministério das aulas é dividida entre professora e estagiária docente. Desta forma, as aulas podem ser inteiramente ministradas por uma das duas ou divididas. Durante as aulas, toda a equipe docente é livre para e incentivada a contribuir com comentários relacionados à temática do dia.

Além disso, tanto o texto principal quanto os complementares são disponibilizados com até cinco dias de antecedência para os alunos na plataforma Google Classroom. E, depois de cada aula, os slides utilizados como aporte visual também são inseridos na planilha e incluídos no Google Classroom. O mesmo acontece com vídeos e outros recursos midiáticos. No fim de cada semestre, as planilhas ficam disponíveis para consulta.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



3. O PROCESSO: APLICAÇÃO DE UMA NOVA METODOLOGIA E RECEPÇÃO DOS ALUNOS

Os aspectos até aqui mencionados dizem respeito à organização teórica das aulas. Cabe ressaltar, contudo, que, durante cada reunião, debatemos, também, como este material teórico será exposto aos alunos. Isso, tendo em vista que, conforme contextualizado, grande parte dos alunos não responde bem a uma metodologia puramente expositiva. Deste modo, o principal desafio em Teoria II tem sido fazer com que os alunos participem das aulas.

Começamos a procurar por novas metodologias a partir da hipótese que o estado de presença de nossos alunos era afetado por um conjunto de fatores, como o cansaço e a interação com *smartphones* durante as aulas. Acreditávamos que o engajamento dos alunos em cada aula estava diretamente relacionado, também, ao interesse despertado pelo tema ainda nos primeiros minutos de nossos encontros. Este cenário é semelhante ao relatado por Federici (2020), que, durante um experimento realizado com duas turmas de calouros de uma Instituição de Ensino Superior, percebeu que o engajamento de discentes se dá concomitantemente ao surgimento de qualquer identificação com o que está ocorrendo em sala de aula.

Assim, começamos a considerar a possibilidade de incluir atividades durante o processo expositivo da disciplina, que, até então era composta por aulas totalmente expositivas nos três primeiros módulos (Sociedade Disciplinar, Sociedade de Controle e Práticas de Resistência), antecedentes às avaliações. A inclusão de atividades no cronograma de aulas, no entanto, não se mostrou uma tarefa fácil.

É difícil encontrar uma metodologia fechada que contemple a necessidade de uma “performance” por parte da equipe docente e, ao mesmo tempo, leve em consideração que, geralmente, os alunos dos primeiros períodos do curso de Jornalismo são jovens entrando na vida adulta. A linha entre uma metodologia que infantilize a turma e uma que não dê conta de entretê-la o suficiente é muito tênue.

Cabe ressaltar que a ideia de “performance” docente, aqui, diz respeito a parte das experiências que tivemos durante os três semestres aqui relatados: para que os alunos se disponham a realizar um primeiro movimento de interesse nas aulas, é necessário que a equipe



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



docente dialogue diretamente com o universo do aluno, gerando identificação. Ademais, não basta que a equipe esteja por dentro do que está acontecendo nos espaços de sociabilidades comum aos jovens para os quais dá aula, mas, percebemos, também, a necessidade de que a aula se aproxime da dinâmica adotada no fluxo midiático consumido pelos alunos.

Neste contexto, o preparo para as aulas e a escolha de uma metodologia adequada para este momento da sociedade passou a contemplar a interconexão digital destes alunos. Como competir com os celulares que, a todo momento, demandam a atenção e capturam o engajamento dessas pessoas? Na tentativa de encontrar um caminho, entendemos que não era possível entrar em conflito com a tecnologia, mas sim trabalhar com ela. Procuramos levar em consideração que os artefatos tecnológicos fazem parte de nosso cotidiano e já não podem ser ignorados (Santaella, 2013), sendo, inclusive, mediadores sociais e constituintes de subjetividades compatíveis ao digital (Sibilia, 2008).

Tendo isso em vista, optamos por assumir um posicionamento metodológico que caminhasse em direção a uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. A ideia era construir um espaço, como sugerem Milhorato e Guimaraes (2016), colaborativo e adaptável.

A metodologia ativa propõe que o modelo de ensino tradicional seja repensado, tornando o aluno um agente ainda em sala de aula (Silva, 2024). Desta forma, além de assistir à exposição teórica realizada nas aulas, o estudante participa ativamente, produzindo reflexões em tempo real e exercitando o pensamento crítico enquanto assimila o conteúdo (Cosme, 2018). Através deste recurso metodológico, o conhecimento é construído em sala, diante da dupla demanda professor-aluno.

Em alguns momentos, a equipe docente também se valeu de metodologia invertida para agregar à dinâmica presencial. O método invertido integra o conjunto de estratégias da metodologia ativa e propõe que os alunos tenham acesso ao conteúdo das aulas previamente, para que o primeiro contato não seja em sala, ampliando sua possibilidade de assimilação (Milhorato e Guimarães, 2016). Assim, em sala, é possível trabalhar o conteúdo de outras maneiras, com atividades práticas e debates. O tempo em sala é utilizado para fertilizar o solo do ensino, tornando-o mais produtivo e fazendo da equipe docente uma equipe de orientação. Neste processo, o professor se torna um guia que conduz o aluno, fortalecendo suas potências e trabalhando seus limites.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



E, apesar de existir a fronteira do tempo, que demarca a necessidade de avanço no conteúdo programático da disciplina, a incorporação de metodologias que extrapolam a mera exposição de conteúdo, tem possibilitado que a equipe docente atue com maior respeito aos alunos, permitindo que, dentro do possível, cada um avance no seu tempo. Um outro aspecto a se destacar é a colaboração entre alunos, uma interação que, em certa medida, integra estudantes, dispositivos tecnológicos e os organiza em torno do conteúdo acadêmico, deslocando o uso de *smartphones*, por exemplo. Na sala, o uso de dispositivos tecnológicos já não é mais sinônimo de uma válvula de escape para uma aula meramente conteudista, mas, sim, soma-se ao aprendizado.

Desta forma, incluímos às aulas atividades que incorporassem, ora colocavam os alunos em frente ao contemporâneo, muitas vezes através de dispositivos digitais, ora os punha em confronto com elementos de outros períodos. Na prática, junto da exposição sobre a Sociedade Disciplinar (Foucault, 1987), levamos para sala de aula revistas dos anos 2000, reportagens dos anos 1990 e algumas do começo do século XXI e outros dispositivos midiáticos que possibilitassem o pensamento crítico sobre as transformações sociais que ocorreram nas últimas décadas e têm ocorrido atualmente.

Paralelamente, durante as discussões sobre a Sociedade de Controle (Deleuze, 1992), propusemos a reflexão sobre o cotidiano, através da apresentação de itens com os quais os alunos estavam mais familiarizados, como *tweets* e postagens em outras redes sociais. Não dispensamos, no entanto, a proposição de um olhar crítico ao Jornalismo e à mídia tradicional, colocando-os em contato com reportagens impressas e audiovisuais contemporâneas e sugerindo que, separados em grupos, os alunos problematizassem práticas normalizadas na atualidade.

Em todos os semestres, a crítica ao presente se mostrou como um os exercícios mais desafiadores para os alunos, que respondiam bem à análise do passado, mas demonstravam resistência ao reconhecimento de problemas no presente. Para lidar com esta questão, procuramos utilizar a exposição de conteúdo como método de arremate da teoria debatida no momento.

Ao fim de cada semestre, propusemos a apresentação de um seminário analítico como forma de avaliação para os alunos. Nesta etapa, notamos que o desempenho das turmas



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



umentou progressivamente. Consideramos que isto está relacionado ao fato de a equipe docente estar mais familiarizada com a nova proposta metodológica, tendo-a ajustado ao longo dos três semestres e encontrado o melhor formato de aplicação no último deles.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a adoção de metodologias propositivas motivou os alunos, de modo a melhorar não apenas sua abertura para o conteúdo da disciplina, como também seu engajamento em sala e, conseqüentemente, seu rendimento no fim do semestre, quando os alunos de 2025.1 demonstraram maior assimilação da teoria em relação à turma de 2024.1.

Apesar das vantagens destacadas e de elas terem maior peso no balanço final da experiência aqui relatada, notamos que ministrar aulas com metodologicamente ativas exige antecipação e preparo da equipe docente, bem como a colaboração da turma. O processo envolve, ainda, a necessidade de organização de ambas as partes.

Ao fim da experiência, notamos que enfrentamos e solucionamos os três principais desafios encontrados em sala de aula em 2024.1: conseguimos a atenção dos alunos; remodelamos o processo didático; e, por fim, obtivemos turmas mais engajadas. Chegamos à conclusão de que a sala de aula se constrói à medida em que existe, assim como o cronograma é vivo e se adapta a partir da resposta oferecida por cada turma à dinâmica proposta em sala.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Bruno Nunes do. **Caracterização dos efeitos da Covid-19 sobre estudantes de nível superior nos períodos de pré e pós-pandemia**. 2024. 40 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Governança, Tecnologia e Inovação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2024.

COSME, A. Escolas e professores no séc XXI: exigências, desafios, compromissos e respostas. **Revista Diálogo Educacional**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, v,11, n.53, 2018.

DELEUZE, Gilles. Pós scriptum para uma sociedade de controle. *In*: DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2011



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

MILHORATO, P. R.; GUIMARAES, E. H. R. Desafios e possibilidades da implantação da metodologia sala de aula invertida: Estudo de caso em uma Instituição de Ensino Superior privada. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 253–276, 2016. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/607>.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex (org.). *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Samir Glaison da. Metodologias ativas de ensino. **Revista acadêmica da lusofonia**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1–13, 2024. Disponível em: <https://revistaacademicadalousofonia.com/index.php/lusofonia/article/view/24>.